

Domingo XXIX do Tempo Comum - Ano B – 20.10.2024

XCVIII DIA MUNDIAL DAS MISSÕES



Viver a Palavra

O caminho é lugar de encontro e desencontro, ousadia e tibieza, entusiasmo e desânimo, expectativas e desilusões. Contudo, mais do que estes binómios extremos, a caminhada de cada homem e de cada mulher constrói-se numa grande diversidade de sentimentos e emoções que invadem o nosso coração e que reclamam uma nova cultura do encontro e do cuidado que promove a comunhão e a unidade.

Os discípulos estão a caminho com Jesus e acabaram de escutar o terceiro anúncio da paixão. Estão desconcertados! Seguir um homem forte e vitorioso que abre os olhos aos cegos, põe os coxos a andar e ressuscita os mortos é entusiasmante e oferece garantias de que vale a pena confiar a vida e gastar as forças. Os discípulos parecem ignorar que juntamente com o anúncio da paixão e morte, Jesus anuncia que ao terceiro dia ressuscitará. Confiar em Alguém que anuncia a morte e o sofrimento como caminho inevitável para o cumprimento da vontade do Pai torna-se muito exigente. A nova lógica do Reino não é imediata, nem humanamente apetecível, e o facto de nos impelir a abraçar um modo novo de ser e de estar que se traduz num modo novo de servir e amar, provoca a procura de seguranças e certezas que ofereçam tranquilidade e estabilidade. Controlar o presente para dominar o futuro é um caminho tentador. Por isso, Tiago e João enchem-se de coragem e abeiram-se de Jesus com um pedido descarado e incisivo: «*Mestre, nós queremos que nos faças o que Te vamos pedir*».

Poderiam ter colocado diante de Jesus a questão que lhes ocupava o coração, quais as motivações que os levavam a fazer tal pedido e dar a Jesus a liberdade de propor o caminho a percorrer. Porém, os discípulos pensam saber bem o que pretendem e querem apenas que Jesus execute o que desejam. Tiago e João são imagem da nossa vida orante quando nos dirigimos a Jesus para Lhe dizer aquilo que Ele deve fazer. Na verdade, a verdadeira oração não é aquela que se faz até que Jesus nos ouça, mas aquela que se realiza até que nós saibamos escutar melhor a voz de Deus. A confiança de que Deus é o Senhor do tempo e da história, permite abrir o coração à Sua vontade e criar a docilidade para nos deixarmos conduzir por Ele. Contudo, quando ao invés queremos encontrar em nós e no mundo as nossas seguranças, entramos numa lógica utilitarista que nos afasta da verdadeira espiritualidade cristã.

«*Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda*». Diante do anúncio do Mestre, Tiago e João começam a pensar nos lugares a ocupar. Mais do que se aproximarem do Mestre, pretendem passar à frente dos demais. Jesus adverte-os: quando pedimos motivados pela tentação de

controlar o presente para dominar o futuro, não sabemos o que estamos a pedir, porque ao invés de acolher a vontade Daquele que nos chama ao amor e à felicidade, estamos a impor os nossos desejos e a nossa vontade. Jesus, sábio pedagogo, não recrimina, mas chama a si os discípulos e com amor e paciência aponta o novo horizonte do Reino: «*quem entre vós quiser tornar-se grande, será vosso servo, e quem quiser entre vós ser o primeiro, será escravo de todos*». A humildade e o serviço como coordenadas fundamentais para ser grande. Não são os nossos pedidos que definem o nosso lugar, mas a certeza de que a nossa vida se inscreve numa dinâmica responsorial que nos impele a proclamar: «*eis-me aqui!*». Quem se deixa escolher por Deus coloca os pés ao caminho e, ao jeito de Jesus, Servo da Humanidade, encontrará no serviço por amor o caminho da verdadeira felicidade. *in Voz Portucalense*.

+++++

No **XXIX Domingo do Tempo Comum**, dia 20 de outubro, celebramos o **Dia Mundial das Missões**. O tema para este ano é «*Ide e convidai a todos para o banquete (cf. Mt 22, 9)*». As comunidades cristãs são convidadas a dinamizar quer este dia, quer este mês, ajudando toda a comunidade a abrir o coração para a dimensão missionária da Igreja e, de modo particular, para a missão *Ad Gentes*. As Obras Missionárias Pontifícias em Portugal prepararam um guião para ajudar na vivência e celebração deste dia e deste mês (<https://www.opf.pt/guiao-missionario/>). Sublinho a mensagem do Papa Francisco para este dia que pode ser divulgada e distribuída nas diversas celebrações (**ver anexo**). *in Voz Portucalense*

+++++

Continuamos no ciclo - Ano B - do Ano Litúrgico. Durante todo este ano litúrgico – 2023/2024 -, acompanhamos o evangelista S. Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Marcos.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos. Também poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Isaías 53,10-11

Aproveu ao Senhor esmagar o seu Servo pelo sofrimento.

**Mas, se oferecer a sua vida como vítima de expiação,
terá uma descendência duradoira, viverá longos dias,
e a obra do Senhor prosperará em suas mãos.**

**Terminados os sofrimentos,
verá a luz e ficará saciado.**

**Pela sua sabedoria, o Justo, meu Servo, justificará a muitos
e tomará sobre si as suas iniquidades.**

CONTEXTO

O texto que a liturgia deste vigésimo nono domingo comum nos propõe como primeira leitura pertence ao “Livro da Consolação” do Deutero-Isaías (cf. Is 40-55). “Deutero-Isaías” é um nome convencional com que os biblistas designam um profeta anónimo da escola de Isaías, que cumpriu a sua missão profética na Babilónia, entre os exilados judeus, na fase final do Exílio (entre 550 e 539 a.C., aproximadamente).

O Povo de Deus estava cansado e desanimado, depois de várias décadas de Exílio. Não via saída para a sua triste situação. Perguntava-se se Deus se tinha esquecido de Judá e se as promessas outrora feitas por Deus ainda eram válidas. Nesse contexto, o Deutero-Isaías recebeu de Deus a missão de consolar os exilados e de manter, com a sua mensagem, aberta a porta da esperança. Nesse sentido, o Deutero-Isaías começa por anunciar a iminência da libertação e por comparar a saída da Babilónia ao antigo êxodo, quando Deus libertou o seu Povo da escravidão do Egito (cf. Is 40-48); depois, anuncia a reconstrução de Jerusalém, essa cidade que a guerra reduziu a cinzas, mas à qual Deus vai fazer regressar a alegria e a paz sem fim (cf. Is 49-55).

No meio desta proposta “consoladora” aparecem, contudo, quatro textos (cf. Is 42,1-9; 49,1-13; 50,4-11; 52,13-53,12) que fogem um tanto a esta temática. São cânticos que falam de uma personagem misteriosa e enigmática, que os biblistas designam como o “Servo de Javé”: ele é um predileto de Javé, a quem Deus chamou, a quem confiou uma missão profética e a quem enviou aos homens de todo o mundo; a sua missão cumpre-se no sofrimento e numa entrega incondicional à Palavra; o sofrimento do profeta tem, contudo, um valor expiatório e redentor, pois dele resulta o perdão para o pecado do Povo; Deus aprecia o sacrifício deste “Servo” e recompensá-lo-á, fazendo-o triunfar diante dos seus detratores e adversários.

Quem é este profeta? É Jeremias, o paradigma do profeta que sofre por causa da Palavra? É o próprio Deutero-Isaías, chamado a dar testemunho da Palavra no ambiente hostil do Exílio? É um profeta desconhecido? É uma figura coletiva, que representa o Povo exilado, humilhado, esmagado, mas que continua a dar testemunho de Deus no meio das outras nações? É uma figura representativa, que une a recordação de personagens históricas (patriarcas, Moisés, David, profetas) com figuras míticas, de forma a representar o Povo de Deus na

sua totalidade? Não sabemos; no entanto, a figura apresentada nesses poemas vai receber uma outra iluminação à luz de Jesus Cristo, da sua vida, do seu destino.

O texto que nos é proposto é parte (apenas dois versículos) do quarto cântico do “servo de Javé”. Nesse cântico, Deus toma a palavra, no início, para chamar a atenção para o seu “servo”, “de rosto desfigurado e aspeto disforme” (Is 52,13); depois a palavra passa para um “coro”, que narra a paixão, e a morte, bem como o sentido do sacrifício do “servo de Javé” (cf. Is 53,1-11a); finalmente, Deus retoma a palavra para confirmar as palavras do “coro” e para declarar a inocência do “servo”, cuja morte “justificará a muitos”. O nosso texto apresenta a leitura que o “coro” faz sobre o sentido da paixão e da morte do “servo” (Is 53,10-11a), bem como parte das palavras finais de Deus (Is 53,11bc). *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Como classificariamos a vida do “servo de Javé”, se tivéssemos que lhe “dar nota”? À luz dos critérios que regem o nosso mundo, que diríamos sobre a vida de um homem que nunca atraiu as atenções (“cresceu como raiz em terra árida, sem figura, sem beleza e sem aspeto atraente” - Is 53,2), que foi marginalizado, maltratado e humilhado sem protestar ou se revoltar (cf. Is 53,3.7), que foi condenado e morto sem ser culpado (cf. Is 53,8), que mesmo depois de morto foi desprezado (cf. Is 53,9)? Hesitaríamos alguma vez em o colocar no lote dos “perdedores”, dos fracassados, dos que falharam a vida, dos que não deixaram a sua pegada na história do nosso mundo? No entanto – diz-nos a primeira leitura deste vigésimo nono domingo comum – o plano de Deus para o mundo concretizou-se por meio dele (cf. Is 53,10), e os seus gestos de amor e serviço trouxeram vida aos seus irmãos (cf. Is 53,11). Será possível que, para Deus, esse homem maltratado e humilhado, sem voz e sem vez, que os grandes do mundo desconsideraram e mataram seja um vencedor? Porque é que Deus aprecia este “servo”, até ao ponto de dizer que ele “terá êxito” e “será engrandecido e exaltado” (Is 52,13)? Deus terá critérios diferentes dos nossos para avaliar o sentido da vida? Que pensamos desta estranha lógica de Deus? E que pensamos sobre a lógica oposta – a lógica dos homens – que considera e promove os grandes, os poderosos, os triunfadores, os ambiciosos, os que levantam a voz para se impor e para reivindicar um estatuto de grandeza e de poder?
- Olhemos ainda outra vez para este “servo” insignificante e desprezado pelos homens, mas que é um sinal de Deus no mundo: através dele Deus vem ao encontro dos homens e oferece-lhes a salvação. Ora, o “servo de Javé” não é um caso isolado. Em todos os tempos da história têm surgido homens e mulheres – humildes, simples, desprezados, às vezes desprezados e desconsiderados pela gente importante da sociedade e das igrejas – que com os seus gestos de serviço, de doação e de entrega são sinais vivos de Deus no meio dos seus irmãos e irmãs. Neles “vemos”, ao vivo e a cores, a bondade e o amor de Deus. Seremos capazes de olhar para essas pessoas simples e boas, que amam e servem “a fundo perdido”, e ver nelas o rosto bondoso e terno de Deus?
- Qual o sentido do sofrimento? Porque é que há tantas pessoas boas, honestas, justas, generosas, que atravessam a vida mergulhadas na dor e no sofrimento? Trata-se de uma pergunta que fazemos frequentemente e que o autor do quarto cântico do “Servo” também punha a si próprio. A resposta que ele encontra é a seguinte: o sofrimento do justo não se perde; através dele, da sua entrega e do seu sofrimento, os pecados da comunidade são expiados e Deus dará vida e salvação ao seu Povo. Trata-se de uma resposta insatisfatória? Talvez. Mas por detrás desta resposta percebe-se a convicção profunda que alimenta a fé deste “catequista” de Israel: nos misteriosos caminhos de Deus, o sofrimento pode ser uma dinâmica geradora de vida nova. Aliás, alguns séculos mais tarde Jesus Cristo demonstrará, com a sua paixão, morte e ressurreição, a verdade desta afirmação. Como entendemos o sofrimento? Sentimo-lo como algo injusto e definitivamente incompreensível, ou como algo que, de uma forma que nem sempre é clara para nós, se insere no plano de Deus? Entendemos que o sofrimento poderá ser fonte de vida nova para nós e para o mundo? Como? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 32 (33)

**Refrão: Desça sobre nós a vossa misericórdia,
porque em Vós esperamos, Senhor.**

**A palavra do Senhor é reta,
da fidelidade nascem as suas obras.**

Ele ama a justiça e a retidão:

a terra está cheia da bondade do senhor.

**Os olhos do Senhor estão voltados para os que O temem,
para os que esperam na sua bondade,
para libertar da morte as suas almas
e os alimentar no tempo da fome.**

**A nossa alma espera o Senhor:
Ele é o nosso amparo e protetor.
Venha sobre nós a vossa bondade,
porque em Vós esperamos, Senhor.**

LEITURA II – Hebreus 4,14-16

Irmãos:

**Tendo nós um sumo sacerdote que penetrou os Céus,
Jesus, Filho de Deus,**

permanecemos firmes na profissão da nossa fé.

**Na verdade, nós não temos um sumo sacerdote
incapaz de se compadecer das nossas fraquezas.**

**Pelo contrário, Ele mesmo foi provado em tudo,
à nossa semelhança, exceto no pecado.**

**Vamos, portanto, cheios de confiança ao trono da graça,
a fim de alcançarmos misericórdia**

e obtermos a graça de um auxílio oportuno.

CONTEXTO

Não sabemos quem foi o autor do escrito a que se deu o nome de “Carta aos Hebreus”. A tradição oriental atribui-o a São Paulo; mas no ocidente há muito que este texto é considerado não paulino. Surgido na segunda metade da década de sessenta do primeiro século (antes da destruição de Jerusalém, no ano 70, pois fala da liturgia do Templo como uma realidade atual), poderá ser obra de um discípulo de Paulo, empenhado em estimular a vivência do compromisso cristão e levar os crentes a crescer na fé.

Embora a tradição tenha considerado como destinatários deste escrito os “hebreus”, isso não significa, efetivamente, que o seu autor o destinasse exclusivamente a cristãos oriundos do mundo judaico. É verdade que nele se referem continuamente factos e figuras do Antigo Testamento; mas, por essa altura, o Antigo Testamento era já património comum de todos os cristãos, mesmo dos que provinham do mundo greco-romano. Tratava-se, em qualquer caso, de comunidades cristãs em situação difícil, expostas a perseguições e que viviam num ambiente hostil à fé... Os membros dessas comunidades tinham já perdido o fervor inicial pelo Evangelho e começavam a ceder à sedução de certas doutrinas não muito coerentes com a fé recebida dos apóstolos...

A Carta aos Hebreus apresenta – recorrendo à linguagem da teologia judaica – o mistério de Cristo, o sacerdote por excelência – através de quem os homens têm acesso a Deus e são inseridos na comunhão real e definitiva com Deus. O autor aproveita, na sequência, para refletir nas implicações desse facto: postos em relação com o Pai por Cristo/sacerdote, os crentes são inseridos nesse Povo sacerdotal que é a comunidade cristã e devem fazer da sua vida um contínuo sacrifício de louvor, de entrega e de amor. Desta forma, o autor oferece aos cristãos um aprofundamento e uma ampliação da fé primitiva, capaz de revitalizar a sua experiência de fé, enfraquecida pela acomodação e pela perseguição.

O texto que nos é proposto como segunda leitura neste vigésimo nono domingo comum está incluído na segunda parte da Carta aos Hebreus (cf. Heb 3,1-5,10). Aí, o autor apresenta Jesus como o sacerdote fiel e misericordioso que o Pai enviou ao mundo para mudar os corações dos homens e para os aproximar de Deus. Aos crentes pede-se que “acreditem” em Jesus – isto é, que escutem atentamente as propostas que Cristo veio fazer, que as acolham no coração e que as transformem em gestos concretos de vida. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A Palavra de Deus que escutamos cada domingo realça repetidamente o significado profundo dessa extraordinária história de amor que adivinhamos na encarnação de Jesus: Deus amou-nos de tal forma, que nos enviou o seu Filho, a fim de que, através d’Ele, chegássemos a integrar a família de Deus. Esta dimensão está bem presente também no texto da Carta aos Hebreus que escutamos neste domingo: Jesus, o Filho de Deus, veio ter connosco, caminhou connosco, partilhou as nossas dores e dificuldades, mostrou-nos como devemos viver, deu a própria vida para vencer o egoísmo e a maldade que nos afastavam de Deus, e apresentou-se de novo ao Pai levando com Ele a nossa humanidade redimida. Levados por Jesus, o nosso sumo-sacerdote, temos acesso definitivo a Deus e passamos a integrar a família de Deus. O autor da Carta aos Hebreus considera que isto deve fundamentar, de forma inabalável, a nossa confiança em Jesus e a nossa adesão a Ele. É isso que acontece? Vivemos conscientes do que Jesus fez em nosso favor e isso leva-nos realmente a comprometermo-nos com Ele, a vivermos com Ele, a deixarmo-nos orientar por Ele, a caminharmos sempre atrás d’Ele, como discípulos?
- Jesus, ao vir ao encontro dos homens e ao tornar-se homem, conheceu e amou a nossa fragilidade. Com coração de irmão, pôde entender-nos e ficar do nosso lado. Sentiu como suas as nossas dores e procurou dar-lhes remédio; experimentou as nossas alegrias e sentiu a felicidade que brota das coisas simples e dos gestos de bondade e de amor. Nada do que acontecia aos homens e mulheres que Ele encontrava nos caminhos da Galileia e da Judeia lhe era indiferente. Ele solidarizou-se a

cada instante com os homens e as mulheres que com Ele se cruzavam; assim pôde entendê-los e ficar do lado deles. Ora, o exemplo de solidariedade que Cristo nos deixou deve tocar-nos e convidar-nos a seguir o seu exemplo. Estamos disponíveis para, seguindo o exemplo de Cristo, nos despirmos do nosso egoísmo, da nossa acomodação, da nossa preguiça, da nossa indiferença, para irmos ao encontro dos nossos irmãos, para vestirmos as suas dores e fragilidades, para nos fazermos solidários com eles, para partilharmos os seus dramas, lágrimas, sofrimentos, alegrias e esperanças? Sentimo-nos responsáveis pelos irmãos que conosco partilham os caminhos deste mundo, mesmo quando não os conhecemos pessoalmente ou mesmo que deles estejamos separados por fronteiras geográficas, históricas, étnicas ou outras?

- Ao assegurar-nos que nada temos a temer pois Deus ama-nos, quer integrar-nos na sua família e oferecer-nos Vida em abundância, o nosso texto convida-nos a encarar a vida e os seus caminhos com serenidade e confiança. A certeza do amor infinito de Deus é, para nós, fonte de serenidade e de paz? Sabemos que as nossas fragilidades e debilidades não nos afastam, nunca, de Deus e do seu amor? *in Dehonianos.*

EVANGELHO – Marcos 10,35-45

Naquele tempo,

Tiago e João, filhos de Zebedeu,

aproximaram-se de Jesus e disseram-Lhe:

«Mestre, nós queremos que nos faças o que Te vamos pedir».

Jesus respondeu-lhes:

«Que quereis que vos faça?»

Eles responderam:

**«Concede-nos que, na tua glória,
nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda».**

Disse-lhes Jesus:

«Não sabeis o que pedis.

**Podeis beber o cálice que Eu vou beber
e receber o batismo com que Eu vou ser batizado?»**

Eles responderam-Lhe: «Podemos».

Então Jesus disse-lhes:

**«Bebereis o cálice que Eu vou beber
e sereis batizados com o batismo
com que Eu vou ser batizado.**

**Mas sentar-se à minha direita ou à minha esquerda
não Me pertence a Mim concedê-lo;
é para aqueles a quem está reservado».**

**Os outros dez, ouvindo isto,
começaram a indignar-se contra Tiago e João.**

Jesus chamou-os e disse-lhes:

**«Sabeis que os que são considerados como chefes das nações
exercem domínio sobre elas
e os grandes fazem sentir sobre elas o seu poder.**

Não deve ser assim entre vós:

**Quem entre vós quiser tornar-se grande,
será vosso servo,**

**e quem quiser entre vós ser o primeiro,
será escravo de todos;**

**porque o Filho do homem não veio para ser servido,
mas para servir**

e dar a vida pela redenção de todos».

CONTEXTO

Voltamos a encontrar-nos com Jesus e com o seu grupo de discípulos no caminho que conduz a Jerusalém. É um caminho não apenas geográfico, mas sobretudo espiritual: ao longo do percurso, Jesus vai completando a sua catequese sobre as exigências do Reino e as condições para integrar a comunidade messiânica.

Entretanto, Jerusalém já não está longe. Jesus vai à frente, a indicar o caminho; e os discípulos seguem-n’O “estupefactos” (Mc 10,32). Talvez estejam espantados por Jesus insistir naquele projeto aparentemente sem sentido e sem saída. É possível que ainda conservem a esperança de que Jesus volte atrás e se disponha a concretizar o projeto do Reino com a conquista do poder; mas cada metro que percorrem aproxima-os do destino

final e Jesus não dá mostras de ceder. Como é que aquele “caminho” irá terminar? Os discípulos estão “cheios de medo” (Mc 10,32).

Jesus não lhes facilita a vida. Para dissipar todas as dúvidas fala-lhes, pela terceira vez, do que vão encontrar na cidade santa: Ele “vai ser entregue aos sumos sacerdotes e aos doutores da Lei, e estes por sua vez vão entregá-lo aos gentios”, que vão “escarnecê-lo, cuspir sobre Ele, açoitá-lo e matá-lo; mas três dias depois, ressuscitará”. A descrição que Jesus faz do que o espera em Jerusalém é ainda mais pormenorizada do que nos outros anúncios anteriores (cf. Mc 8,31-32; 9,31-32). Será que, desta vez, os discípulos ficaram convencidos e resolveram aceitar as palavras de Jesus? Não. Marcos vai mostrar-nos, logo a seguir, que os discípulos de Jesus ainda continuam a raciocinar em termos muito humanos e que a sua lógica está em absoluta contradição com o projeto de Deus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- O que é que determina o êxito ou o fracasso da nossa vida? Em que direção precisamos de caminhar para garantir que a nossa vida vale a pena? Sobre que valores devemos construir a nossa existência para que ela tenha pleno sentido? No Evangelho deste domingo temos a perspectiva de Jesus e a perspectiva dos discípulos quanto a estas questões. As duas posições são perfeitamente antagónicas. Para os discípulos, o êxito de uma vida passa por assegurar uma posição de poder e de domínio, de honras e de triunfos humanos, que permita a cada pessoa impor-se aos outros e concretizar a sua ambição. Para Jesus, no entanto, a vida só tem sentido se é gasta a servir, com humildade e simplicidade, até ao dom total de si próprio em favor dos outros (aliás, foi assim que Jesus viveu, desde o primeiro instante em que “construiu a sua tenda no meio de nós”). Que pensamos de cada uma destas posições? Com sinceridade: em qual destas duas mesas temos andado a apostar as nossas fichas? Em qual destes campos vislumbramos a nossa plena realização?
- “Quem entre vós quiser tornar-se grande, será vosso servo, e quem quiser entre vós ser o primeiro, será escravo de todos” – diz Jesus. Aqui está uma estranha equação que, mesmo depois de dois mil anos de cristianismo, ainda não entra bem nos nossos cálculos e projetos de vida. Para Jesus, o êxito na vida passa simplesmente por servir humildemente e a fundo perdido quem necessita da nossa ajuda e do nosso cuidado. Que eco encontram estas palavras de Jesus na sociedade que temos vindo a construir? E nas nossas comunidades cristãs, como é que estas indicações de Jesus têm vindo a ser escutadas e vividas? Podemos dizer que a Igreja de Jesus tem testemunhado, de forma coerente, as indicações dadas a Tiago e João naquele caminho para Jerusalém? Que sentido é que fazem, à luz das palavras de Jesus, as nossas tentativas de nos impormos aos outros, as nossas ridículas guerras pelo poder ou pelo protagonismo, a nossa inqualificável apetência por honras e títulos honoríficos, as nossas ambições mesquinhas e rasteiras? Estamos disponíveis para servir quem necessita de nós, ou a nossa atitude é a de quem vive para ser servido, admirado e adulado? Como tratamos aqueles que caminham ao nosso lado – a família, os amigos, os empregados, os vizinhos – com sobrançeria e agressividade, ou com respeito e amor?
- As pretensões de Tiago e de João provocaram a indignação dos outros discípulos. Afinal, também eles estavam preocupados em assegurar a sua própria fatia de honras e privilégios e não queriam ver-se ultrapassados. Eis uma realidade que todos os dias podemos observar no nosso mundo: a ambição, a ânsia de protagonismo, a apetência pelo poder são sempre fatores de divisão, de guerra, de ciúme, de conflito. Criam mal-estar, destroem a união, ferem gravemente a comunhão, põem em causa a fraternidade. Não são, portanto, estratégias recomendáveis para quem estiver interessado em integrar a comunidade do Reino. Estamos conscientes disso?
- “Os que são considerados como chefes das nações exercem domínio sobre elas e os grandes fazem sentir sobre elas o seu poder” – diz Jesus. Na verdade, o domínio sobre os outros, o exercício autoritário do poder, concretizam-se muitas vezes em tirania, em opressão dos mais fracos, em exploração dos pobres, em atentado ao bem comum, em indiferença face ao sofrimento dos mais vulneráveis, em imposição cega da própria autoridade, em desrespeito pela dignidade e direitos dos outros homens e mulheres. O exercício do poder, quando não é entendido e concretizado como serviço, pode contribuir para aumentar a maldade, a violência, a injustiça, a morte. Sabemos que um mundo construído sobre autoritarismos cegos e cultos de personalidade é um mundo que contradiz frontalmente o projeto de Deus?
- Há pessoas – muitas – que passam despercebidas, que não são nomeadas nos jornais, que não frequentam ambientes seletos, que nunca tiveram acesso a cargos de poder, que não têm dinheiro nem influência, que não possuem títulos nem nomes sonantes, que não se impõem pela sua beleza física ou pelas roupas finas que vestem, que não fazem ouvir a sua voz nem impõem a sua presença... mas são grandes pela sua bondade, pela sua humildade, pela sua compaixão, pela sua alegria serena, pelo serviço humilde que prestam aos mais necessitados, pela forma como cuidam dos seus irmãos e irmãs, pelo amor e carinho que põem em cada gesto que fazem. De acordo com

Jesus, essas pessoas são aquelas cujas vidas são plenamente realizadas. Elas tornam o nosso mundo um lugar mais bonito, mais humano e mais feliz. No deserto inóspito e egoísta do nosso mundo, essas pessoas são pequenos oásis de paz, de fecundidade e de vida nova. Elas são o melhor do nosso mundo. Como avaliamos e consideramos esses homens e mulheres simples e humildes, que o mundo tantas vezes ignora ou despreza, mas que são testemunhas e sinais do amor e da bondade de Deus na vida dos seus irmãos e irmãs? *in Dehonianos*

Para os leitores:

Na **primeira leitura**, valorizar a palavra «*servo*», repetida duas vezes neste texto, e que é central para a sua compreensão. O tom dramático e doloroso deve marcar a proclamação, mas sempre marcada pela abertura à esperança, pois «*o Justo, meu Servo, justificará a muitos*».

A **segunda leitura** é marcada pela tónica da esperança: «*Jesus, Filho de Deus*» é rico em misericórdia e fonte de graça e misericórdia. O anúncio da esperança, valorizando as expressões «*Jesus, Filho de Deus*» e «*Sumo Sacerdote*» como fonte de graça deve estar presente na proclamação do texto.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)